PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE MINAS GERAIS

Desemprego, Keynes e a produção de moeda: um ano de crise

Flávia Veiga

Belo Horizonte

2016

PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE MINAS GERAIS

Desemprego, Keynes e a produção de moeda: um ano de crise

Flávia Veiga

Trabalho realizado para o Curso de Direito Econômico

Belo Horizonte

2016

RESUMO

O mundo está em constante desenvolvimento, o jogo da globalização está presente no dia a dia de cada cidadão e a peça é o dinheiro. A regra é simples, quem tem mais sobrevive, quem não tem, está condenado a miséria. Teorias sempre foram criadas para explicar a sociedade e a que será tratada neste trabalho será a Teoria Keynesiana, justificando que neste ano a produção desenfreada da moeda levou o país a uma crise que cada vez o afunda mais. Dessa forma, aqui será defendido o trabalho como forma de reerguer a economia brasileira, logo após a maior crise de desemprego já vista pelo Brasil.

PALVRAS-CHAVE: Keynes, desemprego, crise, Teoria Keynesiana, moeda.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer um breve indicativo da atual situação econômica que o Brasil vem passando no último ano, ao mesmo tempo em que relaciona a crise que vem gerando tanto desemprego a Teoria de Keynes. O que se discutirá aqui será a contraposição da produção de moeda e da valorização do trabalho. Será a supervalorização do trabalho a causa da crise? Até que ponto a intervenção do Estado na economia é saudável para o país? E por fim, será que a Teoria Keyniana um fato histórico ou uma realidade?

DESENVOLVIMENTO

O keynesianismo é uma teoria econômica do começo do século XX, baseada nas ideias do economista inglês John Maynard Keines, que defendia a ação do estado na economia com o objetivo atingir o pleno emprego.

A Teoria defende a intervenção estatal na economia, principalmente em áreas onde a iniciativa privada não tem capacidade ou não deseja atuar. Propõe ações políticas voltadas para o protecionismo econômico, seus ideais são contra o liberalismo econômico. Keynes afirmava que o pleno emprego seria alcançado com o equilíbrio entre demanda e capacidade de produção, sendo que o Estado tem um papel fundamental de estimular as economias em momentos de crise e recessão econômica. Não obstante, os keynesianos admitem a dificuldade de conciliar o pleno emprego e o controle da inflação, mesmo com a intervenção do Estado através do cumprimento de uma política fiscal para que não haja crescimento e descontrole da desta.

Nos últimos anos, em reação à queda no ritmo de crescimento do PIB, a equipe econômica de Dilma Rousseff resolveu elevar o volume de crédito como forma de incentivar o consumo e, assim, dar um empurrão na economia.

Tal manobra econômica é perigosa, isto pois imprimir dinheiro não significa criar riqueza. Se produzido erroneamente e imprimir mais dinheiro do que a economia precisa para funcionar, o governo arrisca-se a criar uma bolha inflacionária que nada mais é do que o aumento artificial dos preços pelo excesso de liquidez no mercado. Pesquisas mostram que nos últimos dez anos o consumo dos brasileiros aumentou 115%, enquanto, no mesmo período, a indústria nacional cresceu apenas 20%. Não é preciso ser um gênio para ver nessa disparidade o retrato de uma política econômica que se equivoca em incentivar o consumo, quando o gargalo está na produção. Não se resolve com mais crédito uma situação em que a demanda dispara, enquanto a oferta de produtos fica estagnada.

Claramente, a indústria brasileira não está conseguindo competir em preço e qualidade com os produtos importados. As fábricas brasileiras precisam aumentar exponencialmente sua produtividade, e isso não se consegue com mais crédito que implica mais gastos do governo, maior desequilíbrio fiscal e, claro, juros mais altos.

*“Neste ultimo ano do século, ao viajar pelo mundo fica a sensação de que a eliminação da pobreza não se da nem se mede apenas em números de empregos e valor de salario, mas em oferta e a cesso generalizado aos serviços e bens essenciais, como alimentação, educação, saúde, transporte urbano, segurança, justiça, habitação com agua, esgoto e coleta de lixo.” (Cristovam Boarque)*

É perceptível neste ano como a globalização afetou a sociedade. O mundo criou uma crise, está em ruinas antes mesmo do desastre (Cristovam Buarque). Quem sofre mais é o pobre, o povo. Este não pertence ao clube global. Em seu trabalho, transforma- se em escravo, em um servidor sem opiniões, sugestões. “Quando caminha nas ruas não é para admirar as maravilhas arquitetônicas da globalização, é para carregar nas costas o esforço da recuperação da crise que os sacerdotes modernos provocaram” (Cristovam Buarque).

Nada impede a economia de qualquer país de combinar estabilidade monetária com emprego e enfrentamento da tragédia social, desde que os objetivos da economia adaptados a esta combinação e que a base política deseje realiza-la.

CONCLUSÃO

Após a pesquisa para a realização deste trabalho, difícil ficou solucionar a crise brasileira. O governo para solucionar suas dividas produzem moedas e levam a inflação as alturas. Com dificuldade de pagar funcionários as pessoas estão cada vez mais com dificuldade de arrumar emprego. O Brasil está em um ciclo vicioso que está levando o país a miséria, ao retrocesso. As pessoas precisam de trabalho, não adianta ter moeda em circulação se os preços dos alimentos e serviços estão cada vez mais caros. Enfim, sem trabalho e com os valores elevados, como fará a sociedade brasileira a desenvolver? Ou, melhor, a sobreviver?

BIBLIOGRAFIA

A TEORIA GERAL DO EMPREGO, DO JURO E DA MOEDA, KEYNES John Maynard. Ed.Atlas

DIREIOTO ECONOMICO, FONSECA Joao Bosco Leopoldino da Fonseca. Ed. Forense

OS TIGRES ASSUSTADOS: UMA VIAGEM PELA FRONTEIRA DOS SECULOS, BUARQUE Cristovam. Ed. Rosa dos Tempos